

O exército romano e as moedas: os casos de Élia Capitolina e Cesareia Marítima

Matheus Morais Cruz*

CRUZ, M. M. O exército romano e as moedas: os casos de Élia Capitolina e Cesareia Marítima. R. *Museu Arq. Etn.*, 32: 191-202, 2019.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo da produção, circulação e iconografia militar de moedas produzidas pelas colônias romanas Élia Capitolina e Cesareia Marítima entre os séculos I e III EC. Também objetiva discutir o duplo papel da moeda (propagandístico e econômico) no contexto da Palestina romana por meio da análise da relação entre a recorrência de certos tipos monetários e o contexto histórico-militar em que estes estavam inseridos. Para isso, teremos como foco a atuação do exército romano, seja como difusor do discurso imperial transmitido pela iconografia monetária por meio do escoamento dessas moedas para toda a província, seja pela utilização de sua imagem como ferramenta de manutenção da ordem, de controle das fronteiras e de afirmação política.

Palavras-chave: Exército romano; Numismática; Palestina romana; Iconografia; Circulação.

1. Introdução

Este trabalho é resultado da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida em Israel,¹ cujo objetivo foi elaborar um estudo de caso que analisasse o papel do exército romano como ferramenta de manutenção da dominação

interna e externa da província e como recurso discursivo da iconografia monetária para a legitimação e reafirmação do poder político-militar de Roma, assim como a interdependência entre as duas esferas (econômica/comercial e propagandística) que permearam a história da cunhagem na Palestina e em outras províncias do Império Romano. Como objeto de estudo são tomados as moedas e os tipos monetários produzidos por Élia Capitolina e Cesareia Marítima entre os séculos I e III EC. Para isso, a pesquisa foi dividida em duas etapas: a identificação dos tipos monetários com elementos de natureza militar² e padrões de representação

(*) Graduação na FFLCH/USP e Iniciação Científica no Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, LARP-MAE/USP <matheusmrcruz@gmail.com>

(1) Processo FAPESP nº 2016/20142-2, com auxílio de bolsa BEPE-IC, sob orientação do Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto (MAE-USP) e sob supervisão do Prof. Dr. Oren Tal (TAU) entre os meses de dezembro de 2016 e março de 2017 e com apoio institucional do *Department of Archaeology and Ancient Near Eastern Cultures* da *Tel-Aviv University* e do *Kadman Numismatic Pavilion* do *Eretz-Israel Museum – Tel Aviv* e da *Israel Antiquities Authority (IAA)* sediada no *Isreal Museum – Jerusalem*.

(2) Além daqueles diretamente relacionados às práticas e atividades militares (estandartes, armamentos, animais legionários

emitidos por essas cidades para a produção de um repertório numismático, e o levantamento, por meio do banco de dados *Menorah* da IAA, das moedas cunhadas com base nas representações iconográficas desses tipos.

Cabe ainda anunciar que, devido ao curto tempo de desenvolvimento e ao número limitado de moedas analisadas, a pesquisa traz resultados parciais que devem, no futuro, ser reavaliados sob a luz de novos achados e de estudos mais aprofundados. Os resultados foram obtidos, sobretudo, a partir de hipóteses propostas com base em métodos estimativos.

2. Contexto histórico-arqueológico de Élia Capitolina e Cesareia Marítima

2.1. Élia Capitolina

Embora a data de fundação da cidade seja ainda um dos problemas mais controversos de sua história, atualmente, o número de achados arqueológicos, incluindo as moedas, tem comprovado o relato de Cássio Dio e seu quadro cronológico.³ Após a queda de Jerusalém e a destruição de seu templo, a cidade foi reconstruída entre 130-1 EC como uma colônia romana, renomeada Élia Capitolina por Adriano. O imperador assentou veteranos legionários e outras populações não-judaicas e baniu os judeus que lá habitavam, proibindo-os de habitar novamente a região.

Este fato foi preponderante para a concessão de direitos e privilégios à cidade.

etc.), também se entende como *elementos de natureza militar* aqueles cuja imagem passou por um processo de *militarização*, como o que ocorre com grande número de divindades que não são comumente cultuadas por sua ligação com a guerra. (3) Meshorer resume o grande debate sobre essa temática em *The Coinage of Aelia Capitolina*. Basicamente, a discordância entre os estudiosos se baseia nos relatos de Cássio Dio e de Eusébio. De acordo com o primeiro, a fundação da colônia se deu em um período anterior à eclosão da Revolta de Bar Kochba, o que seria um dos motivos para seu surgimento. Já para Eusébio, a colônia teria sido fundada após a vitória romana na revolta, por volta de 136 EC, como punição aos judeus que se voltaram contra a dominação romana (Meshorer 1989: 19).

Como colônia romana, Élia recebeu a autorização para emitir moedas, o que é bastante importante para as pesquisas contemporâneas, pois o suporte monetário constitui uma das únicas evidências do período romano na cidade ainda existentes, uma vez que poucos restos arquitetônicos sobreviveram à sua intensa e ininterrupta ocupação. Ainda assim, devido às numerosas revoltas que eclodiram sobre a região e afetaram a estabilidade da administração romana lá estabelecida, é possível perceber uma série de lacunas no histórico de emissões monetárias. Não obstante, entre o ano de sua fundação e o governo de Hostiliano, pudemos listar 60 tipos iconográficos de natureza militar produzidos por Élia Capitolina.

De fato, os elementos militares são abundantes na iconografia monetária da cidade. A representação das legiões romanas e de seu papel na supressão das revoltas que eclodiram pela Palestina são muito mais comuns do que nos tipos de outras cidades igualmente importantes, como Cesareia Marítima. Isso demonstra a forte preocupação de Roma em manter a população local sob controle e a necessidade de reforçar seu domínio dentro e fora dos limites da cidade por meio de uma prática discursiva fortemente ideológica.

2.2 Cesareia Marítima

Localizada na Planície de Sharon, a meio caminho entre as modernas cidades de Haifa e Tel Aviv, Cesareia se destaca de outras cidades da Antiguidade devido à infinidade de suportes arqueológicos e textuais que fazem referência à sua história. Graças aos relatos do historiador judeu Flávio Josefo, que escreveu sobre o planejamento e a construção da cidade em seus livros *Antiguidades judaicas* e *Guerras judaicas*, possuímos hoje uma descrição histórica extensa e detalhada. Ademais, o grande número de evidências monetárias e de vestígios arquitetônicos que sobreviveram ao longo do tempo revela aspectos importantes de suas esferas social, política, religiosa e cultural.

Ao contrário do que ocorreu com muitas cidades da Palestina, Cesareia não foi cons-

truída sobre os escombros de alguma antiga cidade devastada pelas revoltas que eclodiram na região contra a dominação romana. Foi, por outro lado, erguida por Herodes, o Grande em honra a César Augusto – o que explica seu nome – sobre um ancoradouro intermediário conhecido na Antiguidade como Torre de Strato, construído no século IV AEC por Strato, Rei de Sidon, transformando-o em um grande porto, o qual tornou-se, alguns anos depois, o principal centro administrativo do Reino de Herodes (Kadman 1957:16).

Após a Grande Revolta e a destruição de Jerusalém, Cesareia se tornou a única capital da província da Judeia e foi elevada ao estatuto de colônia romana por Vespasiano, tendo seus direitos e privilégios posteriormente entendidos por Tito passando a se intitular *Colonia Prima Flavia Augusta Caesarea* (Kadman 1957:23). O alto estatuto ao qual Cesareia foi elevada, deu-lhe o direito de emitir uma elevada quantidade de moedas. Posteriormente, a seu título foram adicionadas as letras F. C. (*Felix Concordia*) por Septímio Severo, durante sua visita à região acompanhado de sua esposa Julia Domna, e de seus filhos, Caracalla e Geta, em 201 EC, indicando a expansão de seus privilégios, devido ao apoio oferecido pela cidade ao imperador em sua luta contra Pescênio Níger – ao contrário de cidades mais ao leste (região da atual Síria), que se posicionaram a favor do segundo (Kadman 1957:23-4). Por fim, Cesareia recebeu ainda o título de *Metropolis* de Alexandre Severo durante sua visita à região, possivelmente entre 231-2 EC, em sua campanha na guerra contra o Império Parta. A colônia então alcançou sua titulação mais elevada, *Colonia Prima Flavia Augusta Caesarea Felix Concordia Metropolis Provinciae Syriae Palaestinae*, amplamente empregada na legenda das moedas de Décio e Treboniano Galo (Kadman 1957:24).

De acordo com Kadman, Cesareia atingiu sua maior produção monetária entre os anos 232 e 252 EC, dentro dos quais Filipe, o Árabe, comemorava, em 248 EC, o primeiro milênio da fundação de Roma (mesmo ano da publicação de *Contra Celsum* de Orígenes de Alexandria, que habitava a cidade a essa época)

(Kadman 1957:25).⁴ A cunhagem de moedas em Cesareia cessou por completo em 253 EC, sendo suas últimas emissões de Treboniano Galo e Volusiano.

3. A produção monetária de Élia Capitolina e Cesareia Marítima

Para o desenvolvimento da pesquisa, tivemos acesso a um total de 2016 moedas emitidas pelas duas cidades entre os séculos I e III EC, registradas pelo já mencionado banco de dados *Menorah da Israel Antiquities Authority*. A partir desse montante, selecionamos 918 moedas⁵ (147 de Élia Capitolina e 771 de Cesareia Marítima) que apresentavam elementos de natureza militar em sua iconografia, e as distribuímos entre 146 tipos monetários (60 de Élia e 86 de Cesareia) identificados para a produção do repertório numismático.

As moedas e os tipos monetários foram divididos por autoridade emissora, como é possível observar nos dois gráficos abaixo:

Ao confrontar as quantidades de moedas e de tipos distribuídos por autoridade emissora, como retratado nos gráficos acima, notamos uma interessante lógica de estabilidade que se mantém quase sem grandes alterações durante os três séculos de emissão por ambas as cidades. Foi possível observar que a quantidade de moedas tende a ser proporcional à quantidade de tipos monetários. No entanto, percebemos também três momentos (em Nero, Tito e Alexandre Severo) nos quais essa lógica é rompida, dando lugar a um aumento exorbitante do número de emissões de tipos monetários específicos.

Entre os séculos I e III EC, uma quantidade relativamente alta de emissões pôde ser observada em ambas as cidades. Grande parte dessa

(4) Kadman certamente considerou a produção total de moedas pela cidade. Para o caso específico de moedas com iconografia militar, o grande pico de emissões monetárias acontece no governo de Alexandre Severo.

(5) 989 moedas com iconografia militar foram identificadas, efetivamente. Contudo, 71 foram descartadas devido ao alto nível de desgaste ou à presença de contramarcas que impediram a identificação precisa de sua iconografia.

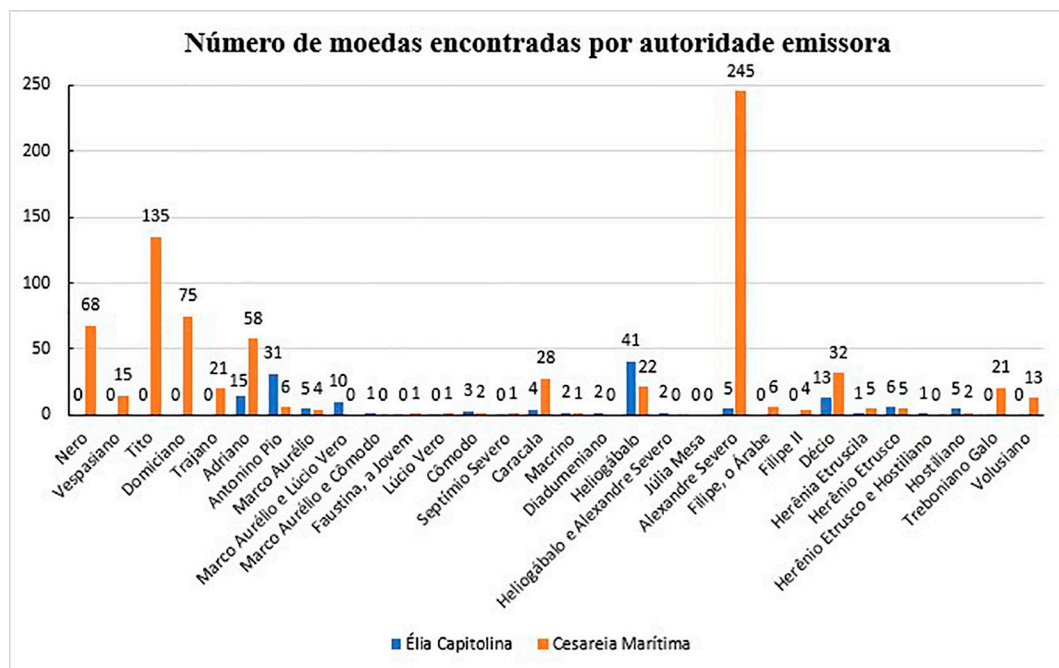


Fig. 1. Número de moedas encontradas por autoridade emissora.

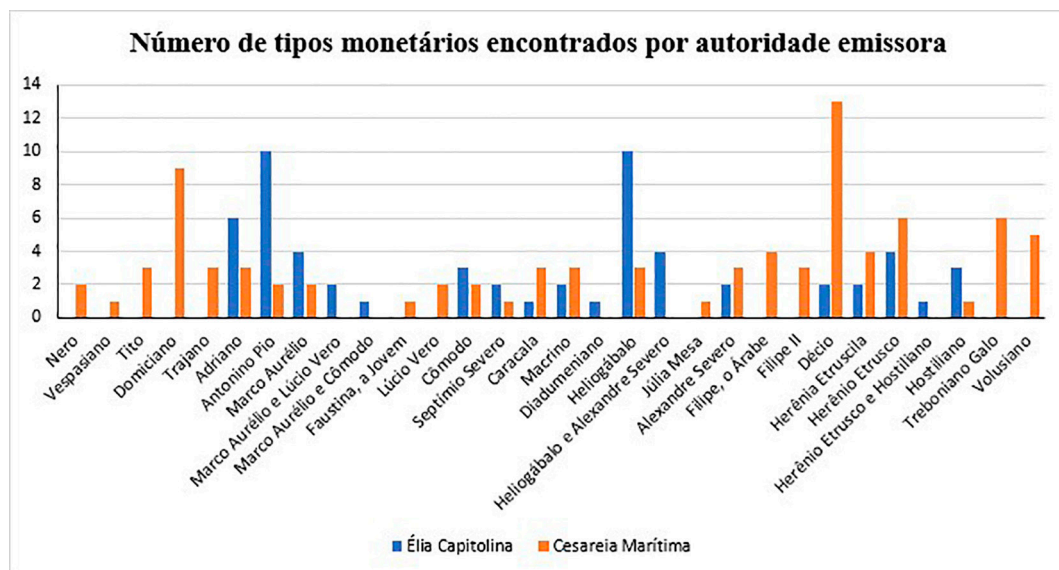


Fig. 2. Número de tipos monetários encontrados por autoridade emissora.

quantidade advém de Cesareia Marítima, que emitiu quase seis vezes mais moedas do que Élia Capitolina. Esse grande número de emissões pode ser explicado, em parte, pela grande importância política que a cidade adquiriu ao se aliar a Roma desde o período de sua fun-

ção por Herodes, o Grande, até as derrotas judaicas nas revoltas que se alastraram pela Palestina. Além disso, como cidade portuária e principal centro político-administrativo da Judeia, Cesareia gozou de grande prestígio e foi um dos principais portos de aprovisionamento

das tropas legionárias após a criação, durante o Principado, de um sistema de abastecimento e pagamento organizado necessário ao bom funcionamento do setor militar após sua reorganização e expansão pelas províncias do Império (Remesal 2012: 157-162). Essa união de elementos proporcionou um elevado estatuto à cidade que, por sua vez, foi fundamental para a concessão do direito de emitir moedas, como já mencionado. No entanto, essa explicação não é suficiente para esclarecer as razões que levaram à intensificação da produção monetária durante os três momentos acima citados. Eles são, por sua vez, resultados de contextos históricos específicos da instabilidade político-social do poder imperial sobre a região.

Para o primeiro caso, o tipo 61 de Nero, foram estabelecidas duas hipóteses complementares. A primeira delas revela uma necessidade de legitimação da dominação romana sobre a Palestina, uma vez que se insere no contexto da

chamada Grande Revolta Judaica. A presença da data em grego “ΛΙΔ” revela que esse tipo monetário foi produzido no 14º ano do governo de Nero (68 EC), período que representa o ápice do conflito que se alastrou por toda a região. Em casos emergenciais, como em eclosões de revoltas político-sociais ou quando cidades adquiriam uma certa hegemonia monetária dentro de uma determinada região, era comum a interferência direta de Roma sobre a cunhagem autônoma das cidades (Porto 2007:114). Nestas situações, o Império Romano se apropriava da produção monetária do centro emissor e passava a bater moedas de caráter emergencial, conhecidas como *emissões provinciais*. Dessa forma, esse controle romano sobre a produção de moedas de Cesareia reflete uma iniciativa de liberada de controle político do principal centro administrativo da província e, conseqüentemente, da circulação de moedas em todo o território, bem como o controle de um mecanismo



Fig. 3. Tipos 61 de Nero, 64, 65 e 66 de Tito, e 104 de Alexandre Severo. Fonte: Kadman *Caesarea* 5, Meshorer *AJC* II 2, Meshorer *AJC* II 3, Meshorer *AJC* II 5 e Kadman *Caesarea* 103, respectivamente.

de propagação do discurso político-militar do imperador, durante um momento de instabilidade política e de enfraquecimento da imagem de Roma. A segunda hipótese, por outro lado, refere-se a uma questão voltada à esfera econômica: o início do governo de Nero marca um período de gradual degradação da prata, que se estendeu ao longo dos séculos posteriores, graças às constantes reformas monetárias, e que levou ao aumento da importância das cunhagens em bronze (Klimowsky 1974:128). Deste modo, esta pode ser uma das razões pelas quais a circulação de moedas de bronze aumentou subitamente em Cesareia.

Os tipos 64 a 66, por outro lado, inserem-se em um conjunto de emissões de Tito imediatamente posteriores à Grande Revolta. Esses tipos fazem parte da série conhecida como *Judaea Capta* e são muito importantes para entender o papel da iconografia militar sobre a região. Após a proclamação de Vespasiano como imperador no início de julho de 69 EC e a destruição de Jerusalém por seu filho, Tito, e consequente vitória romana no conflito, Cesareia Marítima foi, em outubro de 70 EC, palco de celebrações de grandes proporções (Kadman 1957:33). As moedas da série *Judaea Capta* passaram a ser cunhadas naquela época em grande escala, e assim continuaram até os últimos anos do governo de Domiciano. No entanto, ao contrário do que ocorre com os tipos de Tito que são emitidos em elevada quantidade, o número de moedas de Domiciano encontradas são inversamente proporcionais ao número de tipos iconográficos difundidos por ele, revelando uma provável diminuição da produção monetária durante seu governo.

A explicação para o elevado número de moedas cunhadas sob Alexandre Severo se dá por seu envolvimento na guerra contra o Império Parta, já anteriormente mencionada. De acordo com Kadman, “the numerous coins of Severus Alexander, which show on the reverse an eagle supporting a wreath with the inscription SPQR, were obviously issued in 231 CE at the beginning of the Parthian war” (Kadman 1957:12-13). Dessa forma, o envolvimento em uma guerra que tinha por objetivo reprimir as pretensões expansionistas dos partas deve ter ocasionado um aumento considerável de moedas em circulação

para o pagamento das tropas empregadas na guerra. Além disso, a necessidade de legitimar e reforçar o poder político-militar do imperador foi possivelmente responsável pela deliberação dos elementos a serem reproduzidos e difundidos pela iconografia dessas moedas.

Entendendo, portanto, que o aumento do número de moedas produzidas em Cesareia tinha como justificativa motivações econômicas e propagandísticas com o mesmo grau de importância, faz-se necessário, agora, analisar a rede de circulação dessas moedas para compreender o grau de difusão do discurso imperial e o papel do exército romano como seu agente condutor.

4. A circulação monetária pela Palestina

As 917 moedas selecionadas no banco de dados *Menorah* para a composição da pesquisa foram encontradas em 163 sítios, espalhados por todo o atual Estado de Israel (com a exceção de dois sítios que hoje pertencem à jurisdição da Cisjordânia) e escavados entre 1920 e 2016.⁶ Os mapas abaixo demonstram a distribuição e a densidade destes sítios.

De acordo com esses mapas, a maior distribuição de sítios está concentrada em algumas cidades como Citópolis (Bet She’an), Tel Shiqmona (Haifa) e Cesareia Marítima ao norte, e principalmente Élia Capitolina (Jerusalém) e Ascalon (Ashkelon) no centro do país. O fato de os achados numismáticos apresentarem alta densidade nessas cidades indica uma natural circulação interna às cidades emissoras, assim como uma externa, entre as próprias cidades acima listadas e que foram importantes centros urbanos durante o período romano. No entanto, a circulação de moedas não se restringiu a elas, mas atingiu também regiões distantes, afastadas desses centros, como as cidades do sul.

(6) Cabe ressaltar que 192 moedas não apresentavam detalhes sobre seu local de achado e, por isso, foram descartadas dessa etapa de estudo da circulação monetária. Essas moedas provêm, sobretudo, de doações ou de compras de colecionadores particulares que, via de regra, não possuíam ou não estavam preocupados com a preservação da informação de proveniência do artefato.

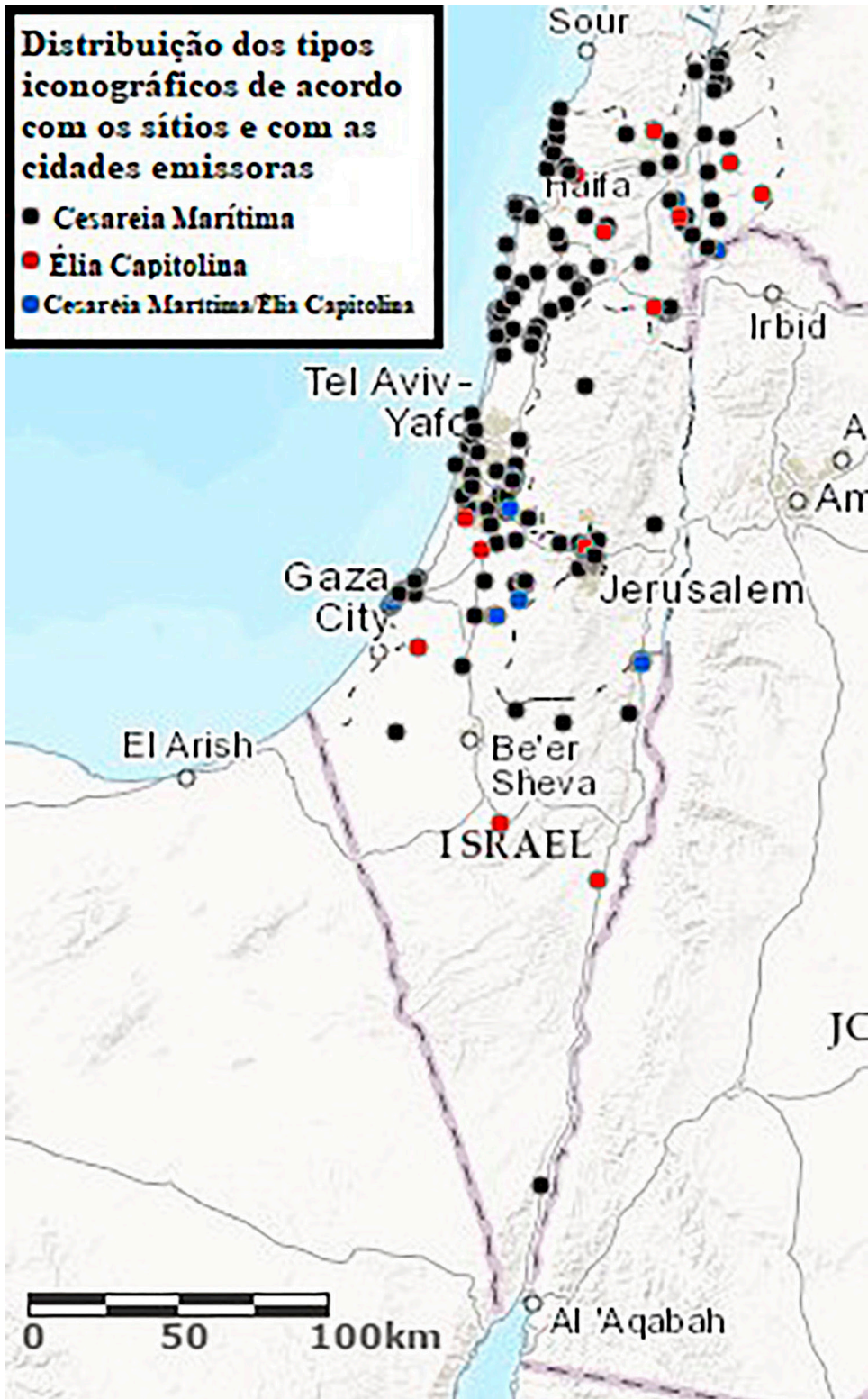


Fig. 4. Distribuição dos tipos iconográficos de acordo com os sítios e com as cidades emissoras.

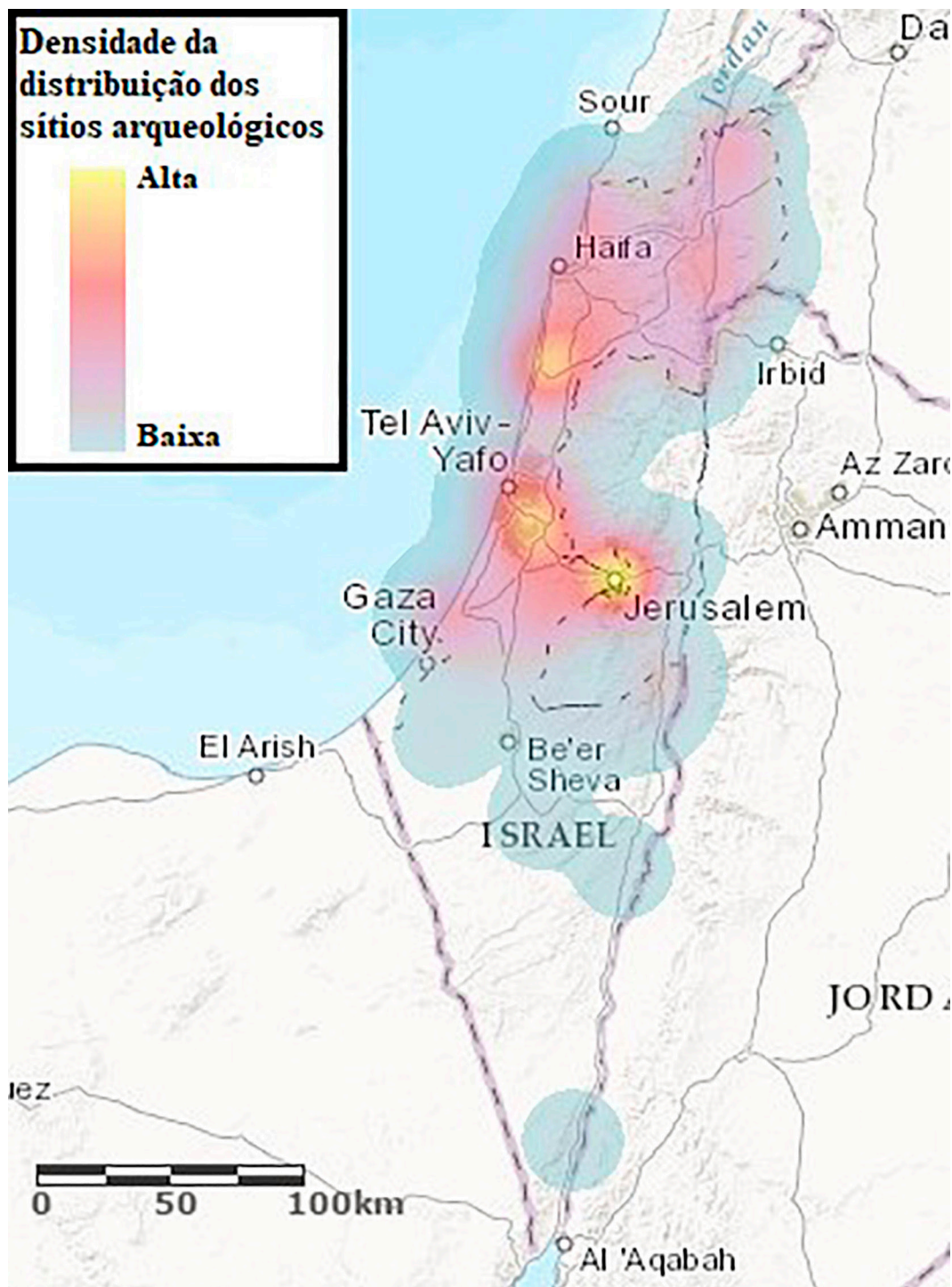


Fig. 5. Distribuição dos tipos iconográficos de acordo com os sítios e com as cidades emissoras.

Além disso, também é possível observar que o número de sítios onde foram encontradas moedas de Cesareia é muito maior no Norte e no centro, enquanto no Sul, embora menos numerosos, encontram-se sítios com predominância de moedas de Élia Capitolina. Isso não significa, contudo, que a iconografia monetária de Cesareia foi mais importante do que aquela de Élia. Na realidade, o elevado número de moedas da primeira pode ser explicado por diversos motivos: 1) a cidade teve mais tempo de cunhagem, uma vez que Élia foi fundada como colônia romana apenas em 130-1 EC; 2) com a destruição de Jerusalém, Cesareia se tornou, como já mencionado, o principal centro administrativo da província da Judeia; e 3) por se tratar de uma colônia romana e de cidade portuária responsável pelo abastecimento das tropas estacionadas pela Palestina, a circulação de soldados que partiam de lá deve ter sido muito mais comum.

Esse terceiro ponto nos leva ainda a refletir sobre uma possível rede de circulação criada pelo exército romano paralela àquela estabelecida, sobretudo, por motivações comerciais, com a construção de um vasto sistema de vias que ligava Cesareia a outras importantes cidades da Palestina (Ben-Sasson 1976:247; Roll 1996: 550-558).⁷

Essa hipótese se torna ainda mais plausível ao identificarmos que grande parte das moedas foram encontrados em sítios em ou ao redor de cidades/comunidades que se portaram como grandes centros de resistência sitiados pelo exército romano durante as revoltas judaicas, como

7) Em Cesareia, cidade que se tornou o principal centro urbano administrativo da província da Judeia, por exemplo, foi possível identificar seis grandes vias que ligavam a cidade a outras localidades: *Via costeira Cesareia-Ptolemaida*, que foi construída como uma típica rota de terrenos planos, seguindo dessa forma um alinhamento tão reto quanto possível; *Via nordeste Cesareia-Gaba*, que se estendeu de Cesareia a Shuni, e muito provavelmente a Gaba; *Via Cesareia-Legio*, localizada na entrada norte da passagem estratégica de Wadi Ara; *Via Cesareia-Ginae*, que consistiu em um longo segmento de via dupla de meio-fio com extensões de pavimentação e um marco miliário sem inscrições; *Via Cesareia-Antipatris*, a linha de tráfego principal do *cursus publicus*; e, por último, a *Via Cesareia-Jope*, que também se estendida ao longo da costa (Roll 1996:550-558).

Masada, Jerusalém, Tiberíades, Jericó, Beitar e outras muitas cidades da Idumeia, Galileia e Judeia. Segundo Porto, “os romanos investiram grandes esforços na forma de recursos, planejamentos, trabalhadores e tecnologia especializada na construção de estradas” (Porto 2007: 77). Assim, as estradas tinham a finalidade de facilitar tanto o comércio da província quanto o deslocamento de tropas em momentos de instabilidade social e política. No decorrer da ação militar, as moedas com as quais os soldados eram pagos se perdiam ou eram trocadas em mercados e feiras locais, o que aumentava o nível de difusão do discurso imperial impresso na iconografia monetária.

5. Considerações finais

Os resultados alcançados no decorrer do estudo podem nos guiar a importantes questões sobre o papel que a iconografia monetária dessas cidades desempenhou na transmissão do discurso romano, bem como sobre os mecanismos que propiciaram sua circulação. O objetivo central da pesquisa foi entender como essas informações poderiam atestar a tese da função dual (econômica e propagandística) da moeda durante a Antiguidade. Uma vez que esta função dual é parte de um longo debate entre arqueólogos, numismatas e historiadores, é necessário propor um posicionamento que aponte para a interdependência dessas duas esferas como uma possibilidade ampla e deliberadamente empregada por Roma em suas inúmeras formas de diálogo com as populações locais da Palestina.

Em *The Purpose of Roman Imperial Coin Types*, de 1983, H. Sutherland apresenta duas ideias relevantes para se pensar o papel da cunhagem imperial romana: 1) a moeda agrega duas esferas diferentes: a econômica e a propagandística, sendo a primeira mais importante do que a segunda; e 2) a ideia de propaganda transmitida pela iconografia monetária, para os povos da Antiguidade, é diferente da ideia moderna de propaganda (Sutherland 1983:73-74).

De fato, as moedas foram, a princípio, cunhadas com o intuito de viabilizar as trocas econômicas, cobranças de impostos e pagamen-

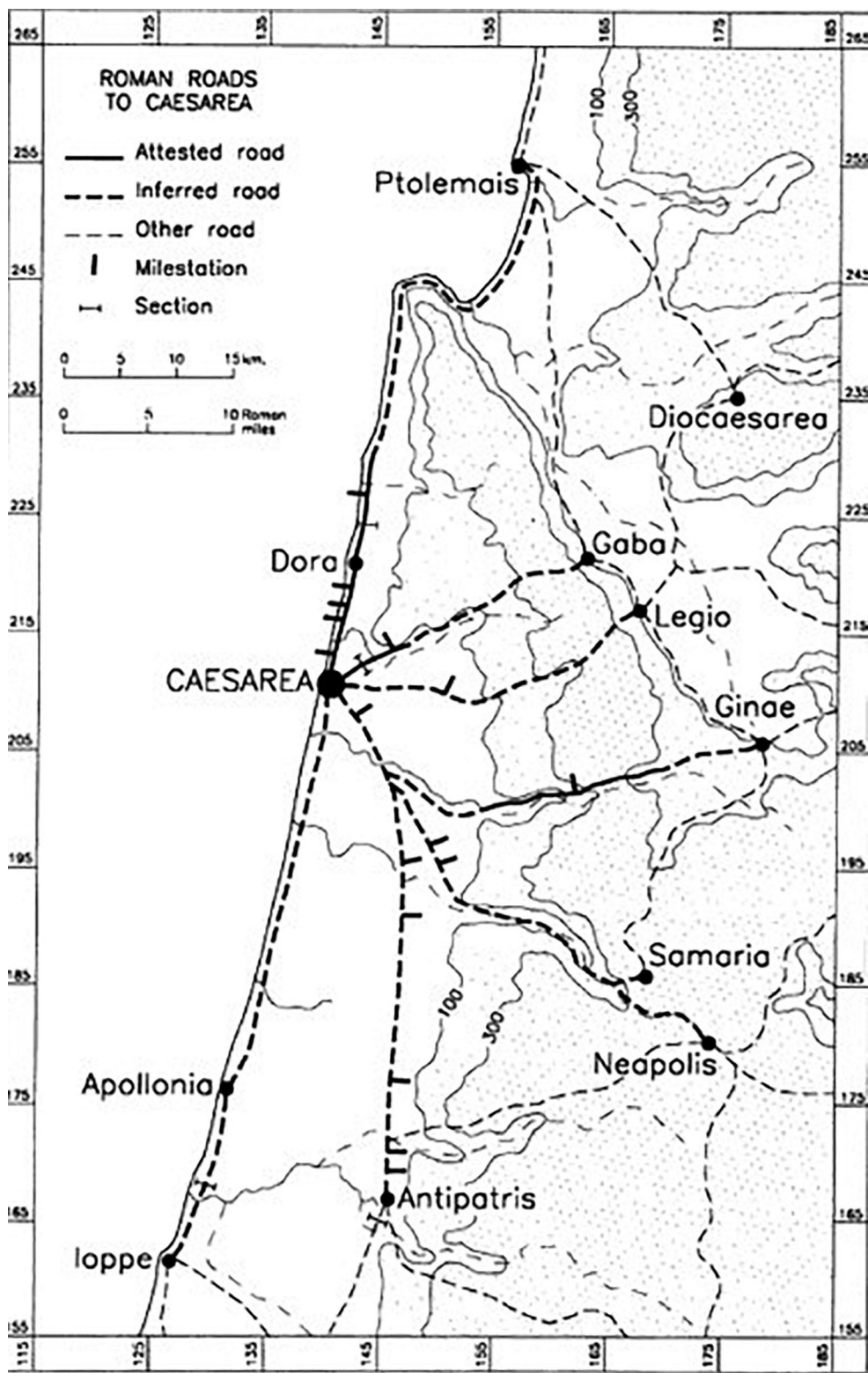


Fig. 6. Vias romanas conectadas a Cesareia. Fonte: Roll, 1996: 551.

tos de soldados, e tal característica justifica, mormente, o surgimento das primeiras emissões de Roma. No entanto, no decorrer do período imperial, e mesmo durante a República, a questão propagandística passou a ser uma parte integrante da produção monetária. Muitos imperadores, por exemplo, recolhiam moedas circulantes de determinados locais e as batiam novamente com suas próprias efigies, uma vez que deveriam reforçar e reafirmar seus *status* políticos. Essas moedas não retornavam à circulação com objetivos exclusivamente econômicos, mas também, propagandísticos e ideológicos (Duncan-Jones 1995:212). Dessa forma, podemos admitir que, a partir de algum momento – provavelmente já com as primeiras emissões senatoriais da República –, ambas as funções da moeda se articularam e se tornaram interdependentes.

A segunda ideia de Sutherland, referente a uma série de erros nos estudos de iconografia monetária do Império Romano advindos do mau uso da palavra “propaganda”, também apresenta algumas incoerências. Segundo ele, “propaganda”, como um conceito moderno, significando “the systematic spreading of false report with the pretence of truth” (Sutherland 1983:74), foi utilizado repetidamente pelo governo nazista durante a Segunda Guerra Mundial, adquirindo, assim, um teor altamente pejorativo. A ideia de “propaganda” na Antiguidade, de acordo com o autor, vem da palavra latina *propagare* que apresentava dois sentidos: um metafórico “procriar, gerar, produzir” e um figurativo “estender, expandir, propagar” (Sutherland 1983:74). Sutherland defende que não seria possível, dessa forma, a disseminação de “falsa propaganda”, pois a moeda seria usada como um meio de comunicação dos feitos do imperador, que passaria por um “filtro” imposto pela população do Império. No entanto, podemos presumir que o significado moderno do termo “propaganda” não necessariamente exclui o antigo, pois, desde a Antiguidade, tal conceito sempre esteve impregnado por um teor altamen-

te ideológico e não necessariamente seria “filtrado pela sociedade”. Adriano, por exemplo, foi representado nas moedas como *restitutor orbis terrarum*, isto é, “restaurador de todo o mundo”. No entanto, apesar deste recurso retórico, suas políticas implicaram em severos problemas econômicos subjacentes que afetaram todo o Império (Duncan-Jones 1995:13). Assim, tão importante quanto apontar a veracidade ou não das informações retratadas na iconografia, seja reconhecer o discurso e as formas de diálogo que ela carrega.

A iconografia das moedas romanas possuía uma importante *proposta integradora*, uma vez que através de sua circulação, transmitiu as bases da dominação política, ideológica e propagandística a qualquer um que com ela tivesse contato. Os tipos monetários analisados por nossa pesquisa, por exemplo, evidenciam profundamente os diálogos firmados entre Roma e as elites locais da Palestina romana, uma vez que dependendo da postura adotada pelas cidades dominadas, sua gratidão poderia ser externada por meio de importantes concessões de direitos e privilégios (Porto 2010:15). Portanto, emissões locais autorizadas por Roma visavam aliar elementos locais aos estrangeiros, buscando promover a importância da dominação imperial às suas cidades e ao seu povo, ao passo que, simultaneamente, reafirmavam o domínio dessas elites sobre as classes subalternas. Além disso, a presença desses elementos circunscritos evidencia a “via de mão dupla” que sublinhava essas relações. Ao mesmo tempo em que observamos as tentativas de reafirmação e legitimação dos interesses romanos, também percebemos uma resistência frente a eles por meio da permanência dos interesses políticos, religiosos e culturais locais (Porto 2010:20). A luta pelos espaços de representação dentro da iconografia monetária demonstra como os diálogos que eram, sobretudo, violentos (em termos simbólicos), apresentavam um dinamismo e uma autonomia políticos das elites provinciais.

CRUZ, M. M. The Roman army and the coins: the cases of Aelia Capitolina and Caesarea Maritima. R. *Museu Arq. Etn.*, 32: 191-202, 2019

Abstract: The present work aims to present a study of the production, circulation and military iconography of coins produced by the Roman colonies Aelia Capitolina and Caesarea Maritima between the first and third centuries CE. It also aims to discuss the dual role of money (propagandistic and economic) in the context of Roman Palestine by analyzing the relationship between the recurrence of certain monetary types and the historical-military context in which they were inserted. In order to do so, we will focus on the performance of the Roman army, either as a diffuser of the imperial discourse transmitted by monetary iconography through the flow of these coins to the whole province, or by the use of its image as a tool for maintaining order, border control and political affirmation.

Keywords: Roman army; Numismatics; Roman Palestine; Iconography; Circulation.

Agradecimentos

Agradeço aos professores Vagner Carvalheiro Porto e Oren Tal pela orientação e supervisão; à professora Maria Isabel D'Agostino Fleming

por todos os conselhos e sugestões; aos colegas do LARP e do LABECA por toda a camaradagem; e, por fim, ao Dr. Donald Ariel da *Israel Antiquities Authority* e a Cecília Meir do *Kadman Numismatica Pavilion* pelo apoio institucional.

Referências bibliográficas

- Ben-Sasson, H. H. (Ed.) 1976. *A History of the Jewish Peoples*. Harvard University Press, Cambridge.
- Duncan-Jones, R. 1995. *Money and government in the Roman Empire*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Kadman, L. 1956. *The coins of Aelia Capitolina: Corpus Nummorum Palaestinensium I*. The Universitas-Publishers, Jerusalém.
- Kadman, L. 1957. *The coins of Caesarea Maritima: Corpus Nummorum Palaestinensium II*. The Universitas-Publishers, Jerusalém.
- Klimowsky, E. W. 1974. *On Ancient Palestinian and Other Coins, their Symbolism and Metrology*. Numismatic Studies and Researches, Tel Aviv.
- Meshorer, Y. 1982. *Ancient Jewish Coinage*. Amphora Books, New York.
- Meshorer, Y. 1989. *The coinage of Aelia Capitolina*. The Israel Museum Products Ltd., Jerusalém.
- Pérez, C. 1986. *Monnaie du pouvoir. Pouvoir de la monnaie. Une pratique discursive originale: le discours figuratif monétaire (1er siècle avant J-C - 4 après J-C)*. Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 332. Histoire Ancienne, vol. 71. Paris.
- Porto, V. C. 2007. *Imagens monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana*. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Porto, V. C. 2010. Reflexiones acerca del diálogo entre las elites locales de la Judea/Palestina y el Imperio Romano a partir de la iconografía de las monedas. International Congress of Classical Archaeology, 2008 Roma. *Bollettino di Archeologia On Line*. Ministero per i beni e le attività Culturali, Roma, v. especi.: 15-22. Disponível em: <http://bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/wp-content/uploads/2019/01/4_PORTO.pdf> Acesso 23 maio 2018.
- Roll, I. 1996. The Roman Roads to Caesarea Maritima. In: Raban, A; Magness, J.; Holum, K. G. (Eds.) *Caesarea Maritima: A Retrospective of Two Millenia*. E. J. Brill, New York: 549- 558.
- Sutherland, C. H. V. 1983. The purpose of Roman Imperial coins types. In: *Revue Numismatique*, vol. 25: 73-82.